

Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Departamento de Geografia
Trabalho de Graduação Individual

A construção da identidade do lugar na Vila Olímpia

Fernando Augusto Roque Farina

Orientadora: Prof^a Dr^a Simone Scifoni

São Paulo

2018

FERNANDO AUGUSTO ROQUE FARINA

A construção da identidade na Vila Olímpia

Trabalho de Graduação Individual
em Geografia II apresentado ao
Departamento de Geografia da
Universidade de São Paulo para
obtenção do grau de Bacharel em
Geografia.

Orientadora: Prof^a Dr^a Simone Scifoni.

São Paulo
Outubro de 2018

A construção da identidade do lugar na Vila Olímpia

Por

FERNANDO AUGUSTO ROQUE FARINA

Banca examinadora:

Profª Drª Simone Scifoni
FFLCH – USP

Profª Drª Lea Francesconi
FFLCH – USP

Profª Drª Isabel Aparecida Pinto Alvarez
FFLCH – USP

Orientador: Prof. Dr. Simone Scifoni, FFLCH – USP

São Paulo, Outubro de 2018

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo realizar uma reflexão a respeito do bairro da Vila Olímpia e sua história inserida na evolução do espaço urbano da cidade de São Paulo. Por meio do estudo histórico da região, bem como de relatos oferecidos por habitantes e trabalhadores, procurou-se problematizar as mudanças na paisagem do bairro a partir de temas fundamentais para a compreensão do espaço metropolitano.

O bairro da Vila Olímpia sofreu grandes transformações urbanas no século XX; de um espaço rural, constituído de chácaras a beira do Rio Pinheiros, para um bairro industrial, de moradias e comércio local. Entre o final do século XX e início do século XXI, com influência de uma operação urbana, se tornou parte integrante de um novo centro financeiro e de serviços na cidade de São Paulo, se transformando em pólo de trabalho e consumo para toda a região metropolitana.

O trabalho procura elucidar e esclarecer as questões das mudanças da paisagem deste bairro e oferece um meio de observar a região não apenas como parte de uma nova centralidade urbana, mas também fruto de uma sobreposição de produções do espaço e como estas impactaram a paisagem e o cotidiano das pessoas que lá moravam e trabalhavam, assim como os novos trabalhadores e transeuntes no bairro.

Para tanto, conceitos do não-lugar, de identidade e de consumo do espaço são usados em prol do entendimento dos processos de produção do espaço e de apropriação deste pela população.

A memória daqueles que viveram é o resquício de uma cidade menos globalizada e padronizada e o anseio daqueles que ali vivem e pretendem viver é o futuro incerto do cotidiano de nossas cidades.

Palavras-chave: Vila Olímpia. Não-lugar. Identidade. Consumo do espaço.

ABSTRACT

This final paper has the objective of making a reflection about the space in the Vila Olímpia neighborhood and its history in the evolution of the urban space in the city of São Paulo. Through the historical study of the region, as well as the report of inhabitants and workers, it aims to problematize the changes in the landscape of the neighborhood by analyzing fundamental questions for the understanding of the metropolitan space.

The neighborhood of Vila Olímpia has undergone notable urban transformations in the 20th century; from a rural neighborhood, constituted of farms on the banks of the Pinheiros River, it transformed into an industrial neighborhood, with residential houses and local commerce. Between the end of the 20th century and the beginning of the 21st, with the influence of an urban operation, it became a new financial and service center in the city of São Paulo, turning itself into a shopping and work centers for the entire metropolitan region.

The study seeks to elucidate and clarify issues regarding landscape changes, and to provide a way to observe a region not only as a part of a new urban centrality, but also the fruit of an overlapping of space productions. Also, how these impacted the landscape and the daily life of people who lived and worked there, as well as the new workers and passers-by.

For this, the concepts of non-place, identity and space consumption are used for the better understanding of the processes of space production and population appropriation.

The memories of those who live are the vestiges of a less globalized and standardized city and carry the aspiration of those who live there and intend to live is the uncertain future of the daily life of our cities.

Keywords: Vila Olímpia. Non-place. Identity. Space consumption.

SUMÁRIO

1. Introdução	9
2. História e constituição do bairro Vila Olímpia.....	10
2.1. A nova centralidade na Vila Olímpia.....	18
2.2. O processo de verticalização.....	25
3. Trabalho de campo e entrevista com locais.....	28
4. Considerações teóricas sobre o bairro Vila Olímpia.....	33
4.1. O não-lugar na Vila Olímpia.	33
4.2. A identidade na Vila Olímpia.	38
4.3. Consumo do espaço na Vila Olímpia.	42
5. Conclusão.....	44
6. Bibliografia	47
7. Anexos	48

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa do bairro Vila Olímpia com montagem sobre sua localização no município de São Paulo. Fonte: Google Earth / IBGE, adaptado por Fernando Farina.	10
Figura 2 - Chácara de Flores, década de 1920. King. Fonte: Acervo Ana Lúcia Almeida Teixeira da Costa.	11
Figura 3 - Mapa esquemático do nível da enchente de 1929 no município de São Paulo. Fonte: http://saopaulosao.com.br/conteudos/outros/2810-a-maior-enchente-de-sao-paulo-aconteceu-em-1929.html (Acessado 10/10/2018 às 19h18min).	13
Figura 4 – Novo canal do Rio Pinheiros recém-construído, década de 1930. Ao fundo, região do Morumbi. Fonte: Fundação Patrimônio Histórico da Energia do Estado de São Paulo.	15
Figura 5 – Várzea do Rio Pinheiros antes da retificação, 1929. Fonte: Fundação Patrimônio Histórico da Energia do Estado de São Paulo.	15
Figura 6 - Enchente de 1929. Foto: Anônimo / Acervo Iconográfico MCSPDPH. Fonte: http://saopaulosao.com.br/conteudos/outros/2810-a-maior-enchente-de-sao-paulo-aconteceu-em-1929.html (Acessado 10/10/2018 às 19h22min). ...	16
Figura 7 – Mapa do Zoneamento de São Paulo, segundo à lei 16.402/2016. Elaboração: Fernando Farina.	20
Figura 8 – Foto de prédio comercial na Vila Olímpia. Foto: Fernando Farina.	22
Figura 9 – Prédios espelhados da Vila Olímpia, localizados na Avenida Juscelino Kubitschek e Avenida Olimpíadas, respectivamente. Foto: Bueno Netto	23
Figura 10 – Foto de estacionamento localizado na rua Gomes de Carvalho, altura do número 570. Foto: Fernando Farina.	26
Figura 11 – Localização de alguns estacionamentos na região da Vila Olímpia. Fonte: Google Maps.	27

Figura 12 – Duas oficinas mecânicas vizinhas, localizadas na rua Gomes de Carvalho, altura do número 577. Foto: Fernando Farina. 35

1. Introdução

Esta pesquisa pretende servir como uma síntese de parte dos conhecimentos adquiridos no período da graduação, problematizando algumas questões pertinentes no debate da ciência geográfica contemporânea. A escolha da Vila Olímpia como tema principal deste documento objetiva a conceitualização e a observação dos processos da espacialidade urbana atual, tais como gentrificação, preservação do patrimônio cultural, capitalismo financeiro e reestruturação urbana.

Buscou-se, então, uma região da cidade de São Paulo cuja história recente trouxe muitas mudanças no uso do espaço. O trabalho teve como foco o bairro da Vila Olímpia, situado no distrito do Itaim Bibi. Durante os últimos 25 anos, a região passou de um caráter majoritariamente residencial para um caráter misto, com grandes prédios comerciais avizinando-se de residências da década de 1940, contando com dois shoppings, três universidades, uma estação de trem e a pecha de ser o “bairro com mais heliportos do que pontos de ônibus do Brasil.”¹

A pesquisa visa trabalhar a identidade do bairro com base no espaço de vivência do cotidiano, ou seja, com base na identidade espacial. O espaço como estimulante do processo da criação de identidades atravessa a vivência e possibilita a criação de vínculos entre os indivíduos. Ele não determina um histórico em comum, como a identidade cultural, nem abarca divisões entre grupos ou tribos urbanas, como a identidade social.

As transformações espaciais ocorridas no tempo mudam o sentido que o indivíduo percebe sua realidade. O objetivo deste trabalho é identificar como a (re)construção de uma região afeta sua caracterização perante os habitantes, e como estes habitantes lidam com as mudanças no espaço, e com sua intimidade com ele.

¹ “Região da rua Funchal tem mais helipontos que pontos de ônibus.” 13.09.2009. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1309200916.htm> (Acessado 10/04/2018 às 19h12m)

2. História e constituição do bairro Vila Olímpia

O bairro Vila Olímpia localiza-se no distrito do Itaim Bibi, o qual está sob a administração da Prefeitura Regional de Pinheiros, e situa-se na região sudoeste da capital paulista.

A história do bairro funde-se com a presença dos rios que cortavam a região, sendo o rio Pinheiros o único visível atualmente, pois os quatro restantes foram canalizados e feitos subterrâneos para que se aproveitasse o leito do rio como via pública, apoiando-se também em um discurso de que desta forma evitariam-se as constantes enchentes das vias de um ambiente pouco povoado e estritamente rural. Os pântanos e brejos eram cercados pelos córregos da Traição (agora avenida dos Bandeirantes), do Sapateiro (agora Avenida Juscelino Kubistchek), o Uberaba Uberabinha (agora sob a Avenida Hélio Pelegrino).



Figura 1 - Mapa do bairro Vila Olímpia com montagem sobre sua localização na cidade de São Paulo. Fonte: Google Earth e IBGE, adaptado por Fernando Farina.

Assim como podemos identificar na imagem anterior, delimitada ao norte pela Avenida Juscelino Kubitschek, ao sul pela Avenida dos Bandeirantes, a oeste pela marginal Pinheiros e a leste pela Avenida Santo Amaro, a região da Vila Olímpia era constituída de um aglomerado de chácaras formadas, em sua maioria, por imigrantes portugueses e seus descendentes.

A região já foi considerada o “fim da cidade”, um lugar de fazendas e ranchos, casas simples e ribeirinhas, plantações e barcos pesqueiros. A abertura de loteamentos residenciais pontuais na paisagem começa na década de 1920, quando os rios da região ainda não eram canalizados.

O espaço servia de obtenção de materiais de construção e alimentação para a cidade crescente no horizonte: chácaras familiares que vendiam hortifrutigranjeiros, madeira de lenha que era colhida no campo, e até um porto de areia, usada no cimento dos prédios em construção no centro. A passagem do meio rural para um urbano se dá quando a cidade se estende até a região, em pleno advento industrial.



Figura 2 - Chácara de Flores, década de 1920. À direita, atual Av. Santo Amaro, atualmente Praça Edgard Hermelino Leite, Rua Baluarte, Rua Helion Póvoa. Vê-se, ainda, à direita, gado pastando onde hoje localiza-se a lanchonete Burger King. Fonte: Acervo Ana Lúcia Almeida Teixeira da Costa

Na década de 1920, em alguns trechos do rio Pinheiros foram construídas as “estações elevatórias”, visadas a alterar o fluxo do rio e permitir a constante geração de energia na Usina Henry Borden, próximo à represa Billings. Essa manobra na água permitiria controlar o fluxo de drenagem que a represa Guarapiranga recebia – enviando para a própria Billings, dependendo do nível de segurança da linha d’água. Porém, para a construção do canal do rio Pinheiros, que ligaria o próprio ao Rio Tietê, e estes na represa Billings, estabeleceram-se o projeto de Lei nº 2.249 de 27 de dezembro de 1927, conhecido popularmente como “Projeto das Águas Espraiadas”.

Em sua tese de doutorado, *“Os meandros dos rios nos meandros do poder: Tietê e Pinheiros - valorização dos rios e das várzeas na cidade de São Paulo”* (1987), a professora Odette Seabra discorre sobre as políticas de obtenção de terras da empresa *The São Paulo Tramway Light and Power Company Limited*, conhecida como Light, empresa canadense que detinha os direitos de distribuição de energia na época. No texto, Seabra desvenda, através de jornais e documentos oficiais, que, tendo a Light o mando sobre áreas alagadas, forjou um alagamento na várzea dos principais rios da cidade: Tietê, Pinheiros e Tamanduateí. A empresa recebeu do governo do Estado o direito de utilizar as águas e as áreas dos terrenos no entorno do canal por onde as águas alagassem; área essa chamada de “águas espraiadas”.

“nas condições que julgar mais conveniente para o interesse público o direito de ... artigo 1º item b - canalizar, alargar, retificar e aprofundar os leitos dos rios Pinheiros e seus afluentes Grande e Guarapiranga, a jusante das respectivas zonas inundáveis ... Artigo 3º ficam declaradas de utilidade pública os terrenos e outros bens indispensáveis à construção de todas essas obras e de necessidade pública as áreas atualmente alagadiças, ou sujeitas a inundações, saneadas ou beneficiadas em consequência dos serviços de que trata esta Lei. Artigo 4º À *The São Paulo Tramway Light and Power Company Limited*, gozará do direito de desapropriação dos bens e terrenos a que se refere o artigo anterior, mas para exercê-lo deverá submeter à prévia aprovação do Poder executivo as plantas das obras a executar, suas modificações posteriores do Poder Executivo as plantas das obras a executar, suas modificações posteriores, fornecendo todos os esclarecimentos que lhe forem pedidos...” (Excerto da Lei Nº 2249 de 27 de dezembro de 1927 apud SEABRA, 1987)

Ou seja, lhe era concedida os direitos de captar águas diretamente do Tietê para lançá-las nas vertentes oceânica da Serra do mar em Cubatão, realizando a reversão do curso original do Rio Pinheiros, bem como melhorias na infraestrutura energética da cidade e região. Em troca, a empresa poderia usufruir das terras que ficassem nas então áreas alagadiças dos rios, várzeas ou até onde o perímetro alagadiço chegasse.

Essa concessão (Decreto 4487 de 9 de novembro de 1928)² se referia a todos os terrenos localizados abaixo da “linha de enchente” e, assim, a inundação possibilitou que os imóveis fossem “esvaziados”, no sentido de que seus ocupantes fossem expulsos, com a ocupação da várzea do rio Pinheiros em um movimento da Light, que controlou todo o processo de desapropriação dessa área.

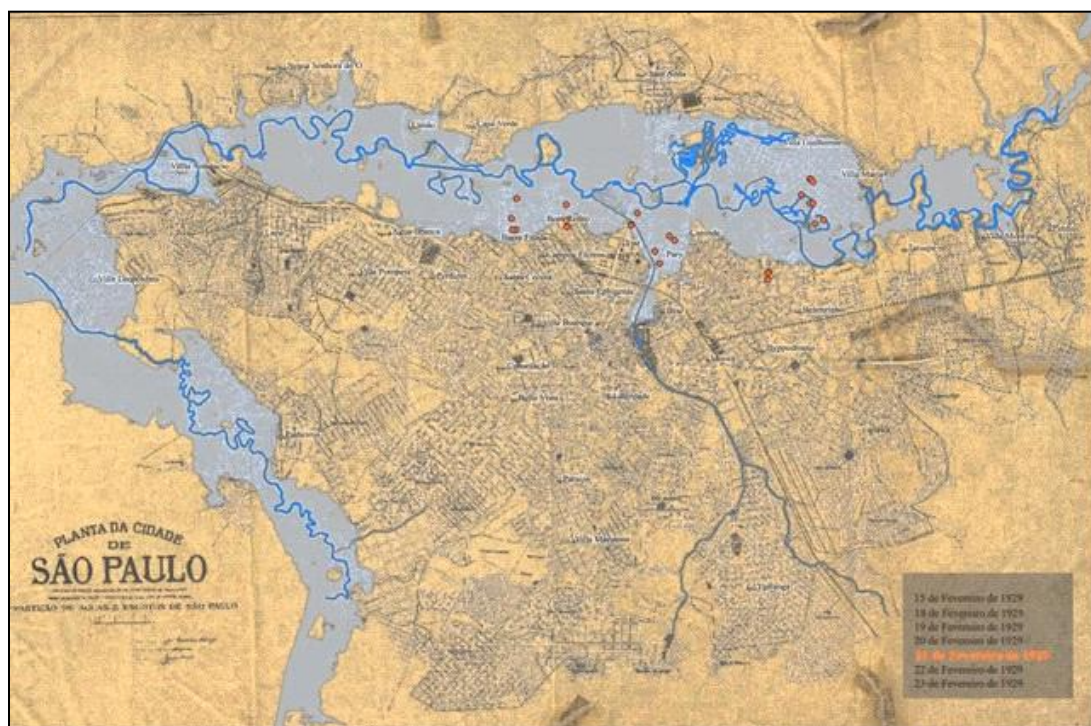


Figura 3 - Mapa esquemático do nível da enchente de 1929 no município de São Paulo.

Fonte: <http://saopaulosao.com.br/conteudos/outros/2810-a-maior-enchente-de-sao-paulo-aconteceu-em-1929.html> (Acesso em 06/09/2018).

Em curiosas passagens, a população local estranhava o fato de não terem ocorrido chuvas, mas mesmo assim terem alagamentos. Sabia-se que

² A publicação original no Diário Oficial de São Paulo pode ser acessada no seguinte link: <http://dobuscadireta.imprensaoficial.com.br/default.aspx?DataPublicacao=19281117&Caderno=Diario%20Oficial&NumeroPagina=8541> (Acesso em 06/09/2018).

era obra das represas da empresa, mas não se sabia dos trâmites internos sobre a tomada das várzeas para controle da Light.

“Hontem, como ante-hontem, não houve chuva na cidade. Entretanto isto em nada influiu na situação dos bairros inundados, pois em alguns deles – como o Bom retiro, Barra Funda. Casa verde. Limão e outros – a água subiu mais de um palmo aproximadamente. As famílias, residentes nos pontos alagados, até hontem permaneciam em expectativa ou hesitação... “No auxílio Municipal na Barra Funda apreciamos os serviços de transporte de pessoas e bagagens. Delles se encarregaram os trabalhadores da prefeitura, dirigidos ou coadjuvados pelo pessoal da Guarda Civil. Estão sendo utilizados os grandes batelões da municipalidade e, bem como os caminhões da Pavimentação, nos logares onde é possível o transito destes vehiculos. Na rua Anhaguera, uma das mais movimentadas da Barra Funda, todo o trabalho estava a cargo do Inspetor Aranha, auxiliado pelo guarda Manuel Cesar de Figueiredo e outros. Pessoas beneficiadas com os bons serviços desses guardas, pediram-nos que registrasse o desempenho da missão. (O Estado de S.Paulo, 17.2.1929 apud SEABRA, 1987).

“O rio Pinheiros continua transbordante, principalmente depois de ter sido lançada em sua corrente a água reprezada pela Light, em Santo Amaro. O Bairro de Pinheiros, esta inundado, assim como a cidade Jardim (Estado de S. Paulo, 19.2.192, op. Cit.).

Conforme os relatos acima e a foto, podemos perceber que mesmo com a enchente ao longo das margens do rio Pinheiros, havia construções e moradores antecedentes à enchente de 1929, e “tudo indica que foi uma inundação, e não uma enchente” (SEABRA, 1987:191).

Ao longo do rio Pinheiros, existiam áreas de loteamento que formavam pequenos bairros e que estavam inseridos abaixo da "linha da enchente", como era o caso da parte da Vila Leopoldina, de Pinheiros, de Vila Olímpia, de Vila Funchal de Santo Amaro, de Capela do Socorro (...) Existiam também terras do poder público, as propriedades da prefeitura do Município de São Paulo, as dos Instituto Butantã, além das terras do velho leito do Pinheiros que, em princípio, também eram públicas. (...) A Companhia enfrentou esses proprietários de diferentes formas. O seu objetivo, cabe reiterar, era de tornar-se proprietária para apropriar-se dos benefícios ou do valor dos melhoramentos que realizaria

nas terras delimitadas. (SEABRA, 1987:202)



Figura 4 – Novo canal do Rio Pinheiros, recém construído, década de 1930. Ao fundo, a região do Morumbi. Fonte: Fundação Patrimônio Histórico da Energia do Estado de São Paulo.

As represas foram abertas no dia 14 de fevereiro e no dia 15 a água já subia pelos terrenos das várzeas. Não há registro na imprensa sobre qualquer pronunciamento da Companhia Light a propósito do fato. Mas, as matérias publicadas na imprensa tornaram a questão da abertura das represas de conhecimento público.



Figura 5 – Várzea do Rio Pinheiros antes da retificação, 1929. Fonte: Fundação Patrimônio Histórico da Energia do Estado de São Paulo.

Evidente que o volume de água das represas não apenas aumentou a área de várzea do Pinheiros, mas também a do Tietê, até, pelo menos, o dia 18 de fevereiro de 1929. O que ficou marcado na história foi a ideia de que a Light se garantiu de uma superfície do terreno nas várzeas tão ampla quanto possível sobre a qual exerceria os direitos contidos na concessão que obtivera.

Em 1937, um decreto do governo do Estado de São Paulo indicava a maneira como a empresa Light deveria proceder em relação às áreas desapropriadas, com vistas à continuidade e à ampliação da canalização do Rio Pinheiros, que fazia referência às áreas desapropriadas e não utilizáveis que fossem colocadas à venda através de hasta pública³. Porém, naquele tempo, muita gente já havia dado como perdido. Os antigos proprietários tinham 60 ou 90 dias de prazo para reivindicar acabou fazendo parte do patrimônio da Light, hoje AES Eletropaulo. Por isso, a AES Eletropaulo possui várias propriedades de interesse ao longo do Rio Pinheiros, pois, visto que o canal não é um rio, ele exige uma dragagem permanente. Todo aquele material que era retirado do leito do rio tinha que ser depositado em algum lugar. Então foram feitos grandes aterros em sua lateral, onde hoje passam as marginais. Dessa forma, todas essas margens, que eram brejos e alagadiços, foram sendo aterradas com o material que vinha sendo retirado de dentro do canal.



Figura 6 - Enchente de 1929. Foto: Anônimo / Acervo Iconográfico MCSPDPH.

Fonte: <http://saopaulosao.com.br/conteudos/outros/2810-a-maior-enchente-de-sao-paulo-aconteceu-em-1929.html> (Acesso em 06/09/2018).

³É a alienação forçada de bens penhorados, realizada pelo poder público, por leiloeiro devidamente habilitado, pelo porteiro ou por um auxiliar da justiça. Fonte: <https://www.direitonet.com.br/dicionario/exibir/727/Hasta-publica>

No final da década de 1930, foram proibidos o comércio e o trânsito de barcos na região. Os barqueiros e pescadores se viram substituídos por comerciantes, imigrantes e operários, quando o bairro viu surgindo suas primeiras fábricas. Eis então o segundo momento de evolução da paisagem do bairro, eram pequenas fábricas que produziam calças e camisas que, somente no fim da década de 1960 foram reforçadas pela venda no varejo, trazendo o comércio direto para a região. Fábricas como a Phebo, de sabonetes e Gelato, de sorvetes, estabeleceram-se onde hoje é a Avenida Olimpíadas.

No princípio, várias ruas da Vila Olímpia eram identificadas por apenas números. A própria região, durante muito tempo considerada rural, era conhecida nos setores administrativos da Prefeitura como “Setor 84”. Com a retificação e o deslocamento do Rio Pinheiros, os alagadiços foram sendo aterrados e, ao longo dos anos e das obras, a área começou a tomar forma e corpo para os futuros loteamentos da baixa e da alta Vila Olímpia, seguindo as áreas de várzea antiga do Rio Pinheiros, com a subida até a Avenida Santo Amaro, nomes que faziam referência ao lugar foram substituídos por outros, homenageando cidadãos ou imigrantes.

Após a remarcação dos terrenos com a Light, foram criados loteamentos com sobrados. Os donos dos loteamentos seguiram sendo de famílias portuguesas. O bairro estava pronto para se tornar residencial.

Em 1957, novas modificações ocorreram. Na margem leste do rio foi construído o ramal ferroviário de Jurubatuba da Estrada de Ferro Sorocabana, atual linha 9 – Esmeralda da CPTM. Já em 1970, nas duas margens do rio, foi inaugurada a Marginal Pinheiros, isolando definitivamente o rio da população ribeirinha. Suas margens perderam toda a mata ciliar.

Após a canalização do Córrego do Sapateiro na década de 1970, situado hoje sob a Avenida Juscelino Kubistchek, as ruas em seu entorno começaram a ser ponto de referência para lojistas da área de confecções que por ali haviam se instalado entre os anos 1950 e 1960.

Como principal via de acesso ao aeroporto e às vias que vão para o litoral, a Avenida dos Bandeirantes, antes conhecida como Estrada da Traição, construída sobre o córrego de mesmo nome, serve como limite sul do bairro. A canalização do córrego, sob comando do então prefeito Paulo Maluf (1969-

1971), permitiu à região uma grande facilidade de acesso e escoamento e, portanto, com maior facilidade para a circulação de pessoas e mercadorias.

No intervalo entre o abandono da década de 1960 e do início de revalorização da região, aproveitando as possibilidades da localização e dos preços baixos dos terrenos e casas juntos às áreas de várzea na região, iniciaram as construções dos edifícios de escritórios da construtora Bratke Collet, que atendiam a uma nova demanda empresarial da época, com os edifícios de até oito pavimentos, projetados para grandes empresas.

Assim sendo, a especulação imobiliária começa a moldar a paisagem, notando-se a presença de grandes lajes e sistema de ar condicionado central que imergiam na paisagem naquele momento.

2.1. A nova centralidade na Vila Olímpia

A partir dos anos 1990, com grandes investimentos públicos, a região passou a ser conectada por um complexo viário de túneis e avenidas, ligando o bairro do Ibirapuera ao Morumbi, do Itaim Bibi ao Butantã. Houve o prolongamento da Avenida Faria Lima, interligando-a às Avenidas Pedroso de Moraes e Hélio Pellegrino, além de uma estação de trem, metrô e ônibus conectadas. Houve a reurbanização do Largo da Batata, no bairro de Pinheiros, a revitalização de praças e a urbanização de favelas no entorno do projeto. Esse investimento em infraestrutura é conhecido como Operação Urbana Faria Lima (OUFL) e sua adequação ao Estatuto da Cidade resultou na Lei 13.769/04.

O ensejo de alterar tão abruptamente uma região que há pouco era considerada semi-rural não se deu sem que houvesse interesses concretos. Um pouco antes da OUFL, no final da década de 1980, São Paulo estava com seu mercado imobiliário em grande ascensão.

O setor terciário (serviços) da cidade era a maior fonte de renda da população, havendo um crescimento progressivo da necessidade da expansão de prédios comerciais de escritórios e firmas em uma cidade que almejava posto internacional de importância na tomada de negócios. A nova centralidade em formação foi potencializada com a Operação Urbana Faria Lima:

“Criava-se, assim, nova articulação no sistema viário, ligando, de forma imediata, a área da avenida Luís Carlos Berrini aos bairros dos Jardins (Paulista, América) e à Avenida Brigadeiro Faria Lima (leito da antiga avenida). Isso melhorou sensivelmente o acesso a ambas as áreas, que antes se fazia por meio de ruas estreitas e tortuosas dos bairros de Vila Olímpia e Itaim, bairros que ‘estavam no meio do caminho’ entre dois polos econômicos importantes: região da avenida Faria Lima, de um lado, e a região da avenida Luís Carlos Berrini, de outro – ambas voltadas para a atividade bancária e de serviços. Por sua vez, a Nova Faria Lima também se articulava, por meio da avenida Juscelino Kubitschek, com a saída do túnel construído sob o leito do rio Pinheiros, que ao sul liga a outra margem do rio Pinheiros aos bairros do Morumbi; ao norte a ligação se faz pela avenida Uberaba até a avenida República do Líbano e com o novo complexo de túneis Ayrton Senna, que permitiria a ligação com o Ibirapuera e Vila Mariana e o aeroporto de Congonhas. Com isso se desenharia o corredor sudoeste-centro”. (CARLOS, 2001: 64 e 65)

Neste sentido, a autora estabelece um panorama em que a existência da Vila Olímpia seria tratada como um obstáculo a ser superado pela OUFL, abrindo uma avenida que ligasse as duas obras viárias voltadas para o setor terciário. É através dessa experiência que o bairro ganha uma nova morfologia.

A utilização das operações urbanas como instrumentos de interesses particulares, através do uso do poder público (leis, investimentos e uso do solo), ainda que as estratégias sejam diferentes, demonstra uma aproximação realizada entre a ação da Light nos anos 1920/1930 e as ações que grupos de empresários e o poder público estão realizando atualmente, na mesma região.

Uma Operação Urbana concede novas permissões ao espaço urbano, diferentes daqueles já definidos pelos seus usos, como alteração dos parâmetros urbanísticos, adensamento e verticalização, mudança de zoneamento, etc. Assim como na concessão da Light no início do século XX, que envolveu uma articulação entre o poder público e os interesses privados, a Operação Urbana também segue o mesmo caminho de articulação de interesses entre Estado e o capital.

Do modo como está zoneada, como mostrado na figura a seguir (Figura 7), a Vila Olímpia, bem como seus entornos, se torna uma Zona Mista de Alta e

Média Densidade (ZM), podendo lá se localizar tanto prédios comerciais quanto residenciais. É notável a linha pontilhada que corta o bairro indicando por onde a faixa de reestruturação da Operação Urbana deve seguir.

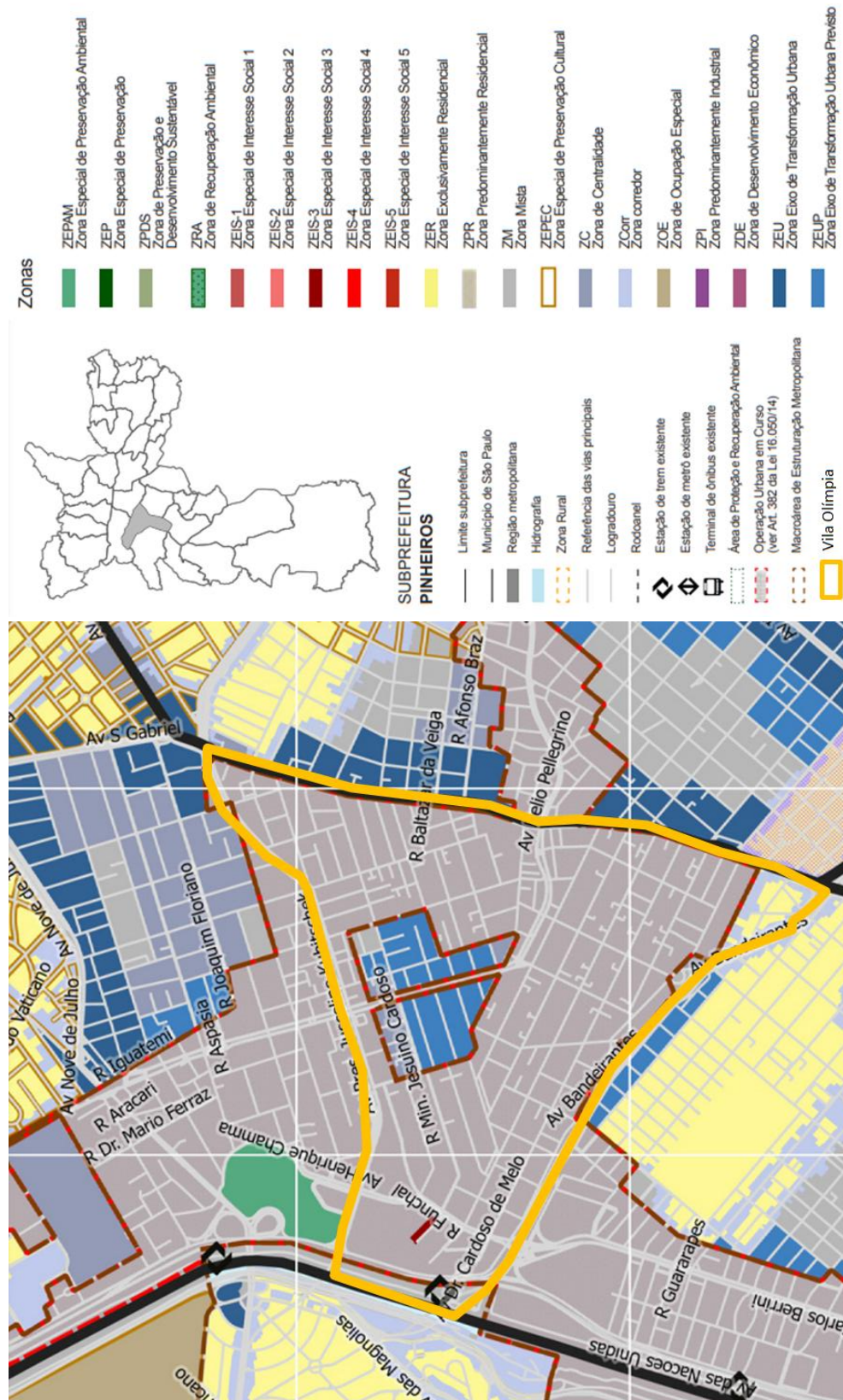


Figura 7 – Mapa do Zoneamento de São Paulo, segundo a Lei 16.402/2016. Fonte: <https://gestaourbana.prefeitura.sp.gov.br/> (Adaptado por Fernando Farina)

Mesmo tendo sua participação como parte de renovação da área, não é o intuito final do zoneamento tratar a área como uma centralidade a ser projetada, mas como um pedaço dela, uma ligação entre (novos) centros.

Como as atividades são espacializadas no território, podemos inferir que existem os agentes indutores da produção de mercadorias tradicionalmente reconhecidos como ligados às atividades industriais e outros, como os agentes imobiliários e financeiros que atuam no processo de espacialização ao interferir no processo produtivo, impondo novas formas espaciais.

Assim, o capital por meio dos vários agentes indutores realiza a todo o momento ações planejadas em relação ao uso do espaço com o intuito de reprodução de si próprio na produção do espaço urbano.

“(...) na construção da cidade, a natureza adquire a condição de matéria-prima, condição inicial sobre a qual recai o trabalho humano. Consequentemente, deparamo-nos com o uso do espaço sob o capital antes de sua determinação subjugar-se à lei do valor, transformando-se, contraditoriamente, em valor de uso e valor de troca. Portanto, antes de sua constituição como mercadoria, o que torna a cidade (como produção histórica), obra e mercadoria, no mundo moderno”. (CARLOS, 2011: 98)

A autora indica que a cidade como lugar de reprodução do capital adquire um papel de precursora do valor de uso e do valor de troca, na medida que ela assume uma função econômica, de ser a fonte ou o receptáculo de investimento e geradora de lucro através da especulação de terras. Fica evidenciada a apropriação do espaço urbano como mercadoria, cuja produção é comandada pela necessidade de acumulação de capital. Logo, a cidade:

“(...) produto do desenvolvimento do trabalho social sobre a base de produção de mercadorias (produção capitalista), torna-se, também, produto mercantil em toda sua extensão”. (CARLOS, 2011: 99)

O reconhecimento da existência dos agentes indutores na reorganização do espaço permite a colocação de que a expansão do capital em escala global, ao penetrar nos territórios nacionais, também interfere na produção e reprodução desta centralidade e a modifica, causando a transformação de função, ou sua transição, onde a coexistência de uma nova função junto às

anteriores que serão substituídas ou alteradas, traz como consequência a criação ou reprodução de formas (arquiteturais ou urbanísticas) em sua morfologia prático-sensível imediata: a realidade presente, que se pode ver, sentir e tocar.

A diferença arquitetônica das fases do bairro se mostra quando o encontro das rugosidades no espaço se torna quase que um insulto aos olhos. De um lado, um dos sobrados construídos nos loteamentos em meados do século XX, modificado para servir ao setor terciário como uma gráfica, do outro um edifício com intuítos de pertencer à arquitetura do século XXI. As janelas espelhadas, as sacadas nos escritórios, são artifícios dos novos prédios da região – que aparentam ser tão iguais uns aos outros, que não assusta que sua única discrepância do meio seja, ora uma afronta no design, ora uma indicação diferente no GPS de seu procurador.



Figura 8 – Foto de prédio comercial na Vila Olímpia. Foto: Fernando Farina.

Após o advento da arquitetura modernista, novas tecnologias foram implementadas na construção civil para deixar mais confortável e acessível o uso dessas construções em centros urbanos. São ecologicamente corretos e possuem uma avançada tecnologia que um avançado setor terciário necessita. Entretanto, não se integram ao entorno, e nem valorizam o espaço tanto quanto poderiam.

O prédio espelhado é uma invenção norte-americana e, por conta disso, apresenta-se mais lógica arquitetônica o vidro ser usado em latitudes menores do que em regiões que ficam entre os trópicos. Ora, onde entra luz, também entra calor. Países da Europa e da América do Norte precisam dessa incidência solar para conter os gastos com aquecedores e, assim, poluir menos. Na ânsia de se montar uma cidade internacional, arquitetos e projetistas importaram o modelo do exterior, não contando com o Sol. Resultado: mais gasto com ar-condicionado e um recurso ecológico falho.



Figura 9 – Prédios espelhados da Vila Olímpia, localizados na Avenida Juscelino Kubitschek e Avenida Olimpíadas, respectivamente. Foto: Bueno Netto

É possível afirmar que a arquitetura e urbanismo da “renovação” do bairro tem um caráter estritamente pós-moderno. David Harvey, em “A condição pós-moderna”, explicita fatores que transformaram as tendências modernas do pós-guerra, na vertente mundializada que homogeneiza as paisagens urbanas. A ideia modernista, segundo Harvey (1992):

“(...) inclui que o planejamento e o desenvolvimento devem concentrar-se em planos urbanos de larga escala, de alcance metropolitano, tecnologicamente racionais e eficientes, sustentado por uma arquitetura absolutamente despojada. O pós-modernismo, em vez disso, cultiva um conceito do tecido urbano como algo necessariamente fragmentado, um ‘palimpsesto’ de formas passadas superpostas umas às outras e uma ‘colagem’ de usos correntes, muitos dos quais podem ser efêmeros, (...) “ao que parece que pós-modernistas projetam antes de planejar”, culminando em um efeito de “monumentalismo tradicional”, em um “notável ecletismo de estilos arquitetônicos”.(HARVEY, 1992: 69)

Ao descrever a ordem, observa-se que no bairro, essa constatação é ligeiramente verdadeira, porém com ressalvas. O ideário pós-moderno é intrínseco e extremamente presente à formação da paisagem atual na região, seja na arquitetura ou no modo de vida dos trabalhadores e moradores, em sua maioria. Porém o zoneamento, como mostrado na figura 7, moldado, ao que parece, nos pareceres modernos da junção e agrupamento de sistemas e ligações racionais do uso do espaço, dá lugar a uma arquitetura e a uma forma de pensar o cotidiano em um viés mais atrelado aos valores pós-modernistas.

Quando se analisa o espaço sob essa ótica, vê-se que a urbanização moderna está inserida dentro do conceito pós-moderno de reprodução do espaço, pois há na região a formatação de três grandes frentes que relativizam a construção da paisagem atual da região: a reprodução do capital que se realiza no mercado imobiliário e na locação de edifícios corporativos, a construção de monumentos como símbolo do poder corporativo e na anexação dessas vertentes em relação ao espaço já existente no bairro.

Assim, o espaço urbano é um espaço socialmente construído, sobretudo o espaço da realização do capital, uma vez que “no modo de produção atual e na ‘sociedade em ato’ tal como ela é, o espaço tenha assumido, embora de maneira distinta, uma espécie de realidade própria, ao mesmo título e no mesmo processo global que a mercadoria, o dinheiro, o capital (LEFEBVRE, 2006: 36).

A cidade é moldada pela sociedade que lhe atribui funções e (re)produz suas formas. Desta forma, o espaço urbano se torna a base concreta da

realização da sociedade no contexto do modo de produção vigente, diretamente ligada à apropriação dos meios.

Relacionando a reprodução do capital com a produção do espaço, a morfologia do fenômeno reorganiza o espaço através da incorporação e suas relações com a construção e consumo de imóveis, seja pela adensamento do solo, zoneamento urbano etc. A ação conjunta desses dois fatores levou ao surgimento de um novo processo na região, intimamente ligado às formas de reprodução do capital e à modernização da urbanização: a verticalização.

2.2. O processo de verticalização

A verticalização está frequentemente associada com o valor de troca, e não com o valor de uso, na concepção de que espaços são criados para sua venda, como se fosse mercadoria, e é assim tratado. Empreendimentos são construídos vagarosamente para que haja tempo da valorização de um empreendimento vizinho em sua etapa de construção.

Na tentativa de diluir o preço do terreno, busca-se construir cada vez mais unidades. Assim, quanto maior o número de pavimentos, menor o custo do terreno relativamente a cada unidade construída. Esse tipo de verticalização se relaciona às classes sociais de maior poder aquisitivo, como a urbanização está inserida na estrutura capitalista, a verticalização partilha dessa natureza. Nela, se apresenta produção e reprodução do capital, domínio de classe, atuação e domínio do Estado, produção do espaço.

A verticalização muda o espaço urbano no que tange o uso do solo e seu preço, relações sociais, relações de produção e nos fluxos materiais e imateriais da área, havendo segregação de regiões pelo valor que possuem.

(...) importante do ponto de vista da luta de classes (portanto do domínio da sociologia e da política), mas que é sobremaneira relevante do ponto de vista da fisionomia e da fisiologia da cidade e, conseqüentemente, do funcionamento do capital, que, ao reproduzir-se reproduz espaço (SOUZA, 1994: 24)

Nesse contexto, a verticalização realiza, ao mesmo tempo, acumulação e reprodução do capital já que “se constitui na possibilidade inusitada de articulação das múltiplas formas de capital num objeto, o edifício, num mesmo

lugar, o urbano, num mesmo tempo/circulação extremamente reduzidos” (SOUZA, 1994: 25-26). O entendimento dessa produção e apropriação do espaço urbano predispõe a existência de agentes produtores do espaço urbano⁴ que fazem circular o capital financeiro, fundiário e produtivo que tem na verticalização a realização de interesses mútuos. Souza (1994) conclui que a verticalização é uma forma de reprodução do capital na cidade, que além de ser diretamente ligada à especulação e à acumulação de capital, modifica as formas da cidade, bem como a sua funcionalidade, denotando, dessa forma, transformações espaciais.

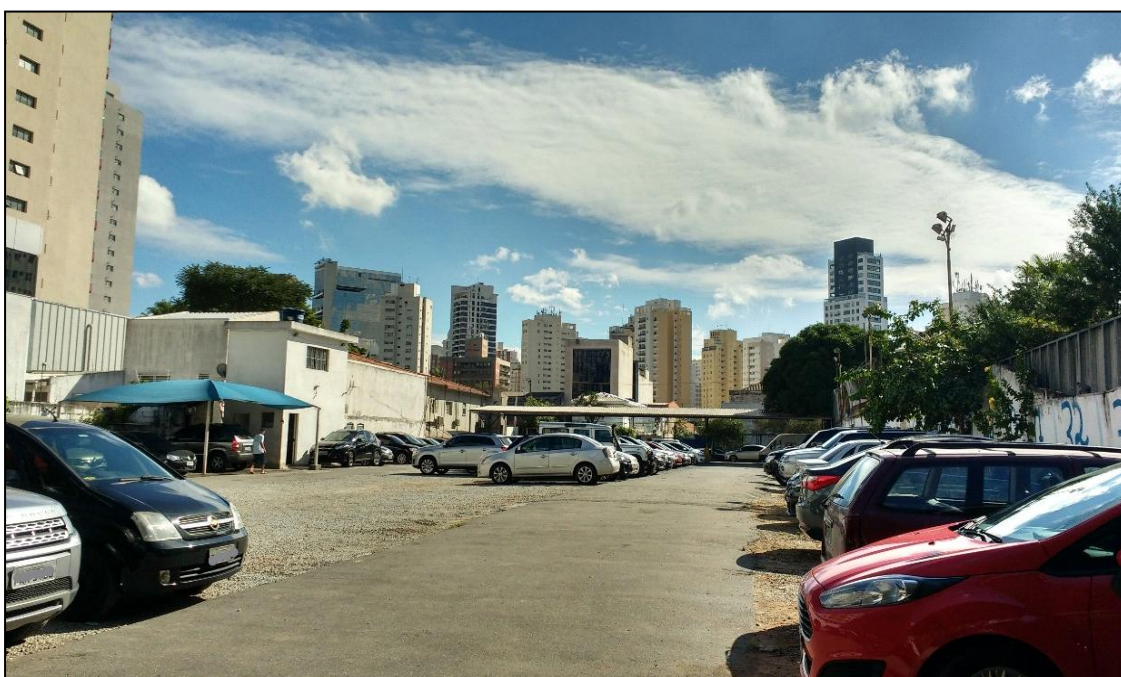


Figura 10 – Foto de estacionamento localizado na rua Gomes de Carvalho, altura do número 570. Foto: Fernando Farina.

O crescimento vertical terciário localiza-se inicialmente, nos grandes centros urbanos, onde o preço da terra tem seu ponto máximo de valorização. Pequenos comércios ao redor da área estudada foram sendo gradativamente

⁴ De acordo com Correa (2012), agentes produtores do espaço são os proprietários dos meios de produção (grandes empresas industriais e de serviços), os proprietários fundiários, os promotores imobiliários (loteadores, construtoras, incorporados e corretores imobiliários), o Estado (as três esferas governamentais: município, estado e federação) e os grupos sociais excluídos.

vendidos, como bares e estacionamentos, para abrigar mais prédios. Proprietários aguardam uma oferta deste setor para mudar seu comércio de lugar. Assim como mostra a foto 10, a presença de estacionamentos na região é relativamente grande, pois se há prédios, portanto, há uma maior concentração populacional. Devido à sua área de influência como centralidade, a Vila Olímpia recebe um número de trabalhadores muito grande diariamente. São cerca de 465 mil trabalhadores⁴ contra apenas 21 mil residentes na região. Esse grande contingente ora se desloca de transporte coletivo, devido a presença da estação Vila Olímpia da CPTM, ou das várias linhas de ônibus que cruzam o bairro, sem contar os veículos interurbanos fretados. Para os trabalhadores que se dirigem ao bairro de carro, estacionar na rua pode ser um grande desafio, portanto, em grandes espaços abertos, ou em apertadas garagens, se abrem estacionamentos.

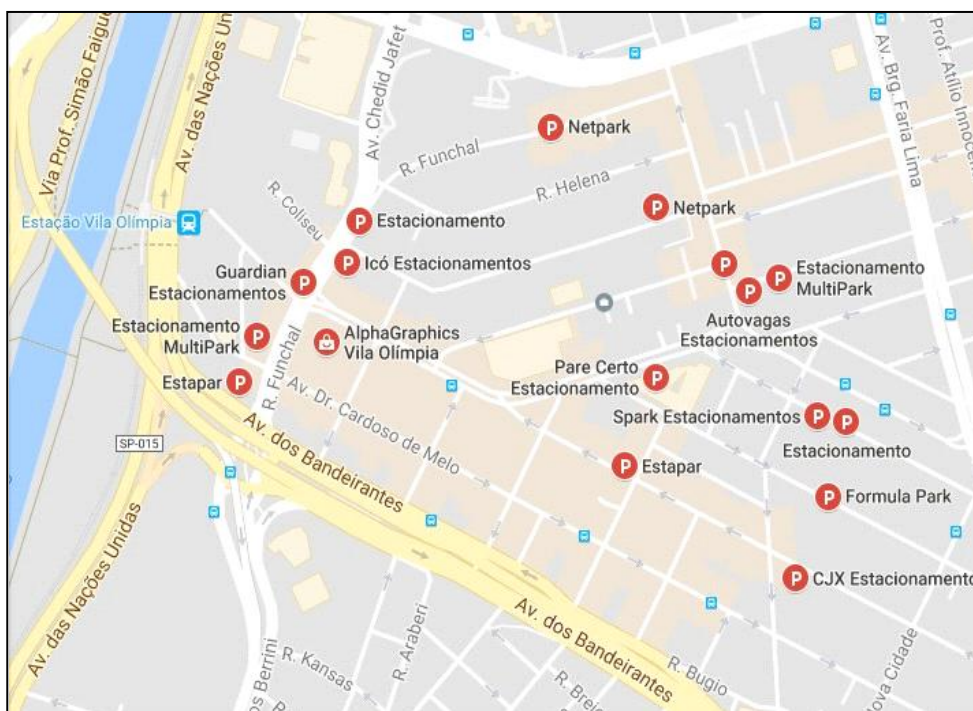


Figura 11 – Localização de alguns estacionamentos na região da Vila Olímpia.
Fonte: Google Maps

Através da leitura do mapa de localização de alguns estacionamentos na região da Vila Olímpia, podemos observar que os estacionamentos se localizam nas franjas das regiões mais verticalizadas, em espaços abertos.

⁵ Segundo reportagem disponível em: [http://vejasp.abril.com.br/cidades/vila-olimpia-
hoje/](http://vejasp.abril.com.br/cidades/vila-olimpia-
hoje/) (Acesso em 06/09/2018).

Pode-se dizer que tais espaços estão esperando sua valorização pela especulação imobiliária para servirem como lugar da reprodução do capital no espaço. Até lá, alugam o espaço para os automóveis dos trabalhadores por preços que chegam a R\$ 50,00 por hora.

Uma das consequências da espera da especulação sobre o espaço se dá na falta de coesão de sua importância para as pessoas que transitam em determinada região. Não apenas a arquitetura das construções muda, como também o modo de uso do espaço muda. Parece que todas as estruturas no bairro, com mais de 20 anos de idade, estão fadadas a se tornarem fugazes, a serem esquecidas quando a primeira martelada atingir a parede, e o último vidro espelhado for instalado em um novo arranha-céu.

O lugar deixa de ter importância de vivência, uma vez que a sociedade molda o espaço, e essa sociedade vive um tempo amnésico, “esquecível”. Os encontros se dão em lugares pré-dispostos, a espontaneidade das ruas dá espaço para o *meeting* na sala de reuniões. O lugar como desígnio do encontro deixa de fazer sentido e vira passagem.

3. Trabalho de campo e entrevista com locais

O que se busca discutir neste trabalho é a relação de proximidade que os frequentadores do bairro têm com o espaço que habitam e desempenham suas atividades cotidianas. O trajeto feito de casa ao trabalho, durante o horário de almoço, durante um tempo de lazer ou de afazeres cotidianos fazem parte da ordem próxima da dinâmica de uma cidade. A análise posta em questão é como o cotidiano se efetiva em um espaço alvo do planejamento urbano.

Durante o meu dia a dia como trabalhador da região, conheci pessoas e histórias de vida que quase se confundem com a história do bairro, seja num ponto de ônibus ou na vivência diária. Entrevistei pessoalmente esses contatos de forma espontânea, começando sempre a entrevista buscando na memória de cada um as lembranças mais antigas que tinham do bairro, e seguindo a entrevista da melhor forma que convinha. Todos os entrevistados foram questionados se concordavam com a entrevista e não foram coagidos a

qualquer ação que não a de sua própria vontade. Foram selecionadas diversas pessoas, com idades, costumes e histórias de vida diferentes.

A primeira entrevista foi com M., uma mulher de 37 anos, moradora na rua Nova Cidade desde que nasceu. Trabalha na área de recursos humanos de uma empresa da região. Ela lembra do bairro na sua infância composto apenas por casas e a presença de um córrego (na região da Avenida Hélio Pellegrino). O bairro era tranquilo, as crianças brincavam nas ruas. Diz que havia dois galpões na parte de baixo do bairro, o que criava um maior trânsito de pessoas e carros, mas nada comparado a rua em que mora hoje em dia. A entrevista foi feita na rua, por volta das 19h30min, o trânsito estava congestionado e por vezes era preciso aumentar o volume da voz para nos entendermos, mesmo há aproximadamente 2 metros de distância entre nós.

Perguntada se tem saudade dessa época a moradora afirma que sim, lembrando que podiam ficar tranquilamente na rua até por volta das 11 da noite, o movimento era pouco e se sentiam seguros, segundo ela, apesar da presença de uma favela na avenida Hélio Pellegrino.

Sobre a infraestrutura e as enchentes na região, a moradora diz que lembra dessa rua asfaltada, por volta da década de 1970. Na parte baixa do bairro havia rua de terra e enchentes frequentes.

Sobre as mudanças do bairro a moradora mostra como eram as casas apontando para o padrão geminado que ainda se vê em algumas ruas. Ela diz que as maiores mudanças aconteceram na parte de baixo do bairro, com a abertura de avenidas e construção de prédios, onde não havia muitas casas. Para ela a maior mudança é o trânsito e a falta de tranquilidade, porém, como trabalha na região, não mudaria de bairro. Neste momento da entrevista seu filho de oito anos aparece, e M. começa a falar pra ele como era sua infância no bairro, brincando na rua, bem tranquilo, diferente do trânsito e do volume de automóveis que estavam passando enquanto conversávamos. Me despeço e agradeço pela conversa.

A segunda entrevista foi com A., homem de 55 anos que trabalha há 18 anos num posto de água natural na esquina da Rua Alvorada com a Rua Quatá. Segundo ele, o posto está há 30 anos nesse lugar e segundo o dono eram algumas casas que foram derrubadas para construção do galpão atual. Ele mora perto do trabalho, há aproximadamente 15 minutos a pé. Na

empresa, ele é encarregado de abastecer o caminhão com água e preparar a logística.

Perguntado se gosta de trabalhar ali ele afirma que sim, que é bem tranquilo, pois mora perto e não precisa pegar ônibus para chegar ao trabalho. Diz que às vezes é complicado pois o trânsito atrapalha os caminhões a chegarem no posto, se referindo ao trânsito na Rua Alvorada no momento da entrevista. Segundo ele o trânsito é pior a partir das 4h da tarde, até aproximadamente 9h da noite. A partir de quarta-feira o trânsito se intensifica devido à presença de quatro casas noturnas nessa mesma esquina. Segundo ele, nesses dias, o caminhão pode demorar cerca de 1 hora para chegar no posto, vindo da Avenida Santo Amaro, um trajeto de aproximadamente 1 km. Sobre os destinos dos caminhões, o senhor diz que eles enchem caixas d'água, piscinas ou entregam água em outras distribuidoras.

Pergunto a ele sobre as mudanças que ele pode presenciar no bairro nos 18 anos que trabalha nesse lugar. Ele diz que antigamente o bairro era composto por casas. Havia uma favela na Avenida Michel Milan que foi removida quando da construção da Avenida Brig. Faria Lima, para se conectar com a Avenida dos Bandeirantes. Segundo ele, esse terreno ficou um bom tempo abandonado, e um córrego que havia por ali foi tamponado. O senhor aponta para a Praça Pierre Gemayel, inaugurada em 2009, no cruzamento da Rua Quatá com a Avenida Michel Milan / Avenida Olimpíadas, segundo ele ali haviam casas e demorou até construírem a praça e na época da construção havia muitos caminhões, sujeira e trânsito. Pergunto se ele vai por ali entregar água às vezes, ele diz que não enfaticamente, diz que vai às vezes para usar a Marginal Pinheiros e diz que nunca foi no shopping Vila Olímpia também, com certo desprezo àquela região.

Sendo que ele estava em horário de trabalho, não me demoro muito. Me despeço e agradeço pela entrevista.

A terceira entrevista foi com R., homem de 19 anos que trabalha como arquivista em uma empresa de advocacia da região. Ele mora em São Bernardo do Campo e entre seu trabalho e sua residência demora por volta de 4 horas diariamente. A entrevista aconteceu em um ônibus intermunicipal.

Ele relata que trabalha na região da Vila Olímpia há 4 anos, que começou como office-boy e agora é arquivista. Perguntado se gosta do

trabalho ele diz que gostaria de ser arquiteto, mas trabalha como arquivista por não ter outra opção. Segundo ele, a empresa está oferecendo 50% da mensalidade de um curso de direito, mas que ele gosta mesmo é de desenhar. Ele diz que há muita pressão no trabalho por se tratar de uma agência internacional muito exigente. Perguntado sobre onde é a empresa, ele diz que fica no terceiro maior prédio de São Paulo, ou da América Latina, bem grande e azul. Eu interpele e pergunto se é o E-tower, ele diz que é esse e pergunto como é trabalhar nele, pois se trata de um prédio envidraçado, sem janelas. Segundo ele, era um pouco estranho no começo, mas que com o tempo se acostuma.

Pergunto a ele como foi o primeiro dia de trabalho no bairro. Ele diz que foi estranho pois se deparou com muitos prédios modernos, carros de luxo nas ruas, pessoas bem vestidas e por isso se sentia deslocado como se estivesse num filme, mas que com o tempo foi se acostumando e percebendo que as diferenças são apenas de cargo na empresa, que no final, todos têm os seus problemas. Ele diz que ficou impressionado quando viu tudo isso pela primeira vez, mas que não é tão diferente de quando trabalhava em Diadema, as principais diferenças são a duração da viagem (2 horas) e o custo muito mais alto no bairro da Vila Olímpia. Ainda, ele diz que as pessoas acham que por você trabalhar num bairro “chique” como a Vila Olímpia, num prédio envidraçado, você obteve sucesso profissional, mas para ele é apenas aparência, as empresas são iguais por dentro desses prédios.

Pergunto se ele trabalharia em outro lugar. Segundo ele, o momento está difícil para procurar outro emprego, e que mesmo não gostando muito da área de direito, ele vai estudar o curso e continuar na área. Ele diz que vê os estagiários sendo contratados após apenas um mês de trabalho na empresa. Ele diz que pretende aprender inglês junto à faculdade e poder se destacar na empresa, que, segundo ele, dá oportunidade de crescimento profissional. Ele diz que gostaria de trabalhar mais perto de casa ou poder morar em São Paulo, mais próximo do trabalho.

O quarto entrevistado (S.) é um homem de 66 anos que nasceu e trabalhou no bairro, agora está aposentado. Durante a entrevista, mostrou-se muito enérgico ao comentar sobre as mudanças ocorridas no bairro nos últimos anos.

Primeiro pergunto como foi sua infância no bairro. O senhor diz que era bem sossegado, com bastantes campos abertos e mato. Diz que tinha vacas, cavalos, campo de futebol. Diz que na atual Avenida dos Bandeirantes havia um pequeno córrego onde caçavam sapo. Ele diz que era um bairro bom, com três ou quatro linhas de ônibus em direção ao centro ou a Santo Amaro. Segundo ele, o bairro tinha forte presença de portugueses, e que muitas casas que estão vagas para aluguel hoje em dia são dos portugueses dessa época.

O senhor relata que foi proprietário de um restaurante por 40 anos na esquina da Rua das Fiandeiras com a Rua Casa do Ator, mas que faliu há um ano atrás. Segundo ele, o restaurante atendia as pessoas que trabalhavam nas oficinas e no comércio locais, e moradores da região. O senhor diz que trabalhava desde o café da manhã até o jantar e que os negócios iam bem. Porém, segundo ele, as coisas começaram a mudar quando o bairro começou a se tornar foco das empresas e frequentado pelos executivos. O senhor diz que quando a Avenida Hélio Pellegrino foi construída e a favela que ali se encontrava foi removida ele começou a perder muitos dos clientes que não trabalhavam mais nas oficinas, mecânicas e comércio locais e os moradores locais que foram se mudando com a construção de novos prédios comerciais. Ao ver que esses clientes tradicionais se tornavam cada vez mais raros, ele decidiu por investir numa “modernização” do estabelecimento, esperando atrair novos clientes. Mas com essas mudanças, a clientela antiga se desfez por completo e ele não pôde pagar as dívidas que tinha contraído. Não conseguia mais pagar o aluguel do restaurante, nem da loja de água que ele também tinha. Hoje em dia, uma nova rua está no lugar do restaurante e um bar “cult” está em parte da antiga loja de água. O senhor relata que atualmente trabalha vendendo água, mas que pretende morar na Irlanda, junto com o filho, e que irá fazê-lo assim que vender sua casa.

Sobre as mudanças na sua vida, o senhor diz que já não gosta mais de morar no bairro. Diz que gostava quando podia pagar os alugueis, mas agora o custo no bairro está muito alto, tendo subido muito na última década.

Eu agradeço a entrevista e o senhor põe-se à disposição para outras conversas.

Nessas entrevistas tive a oportunidade de conhecer histórias pessoais, com memórias espaciais, de pelo menos três dos quatro entrevistados. Estes

são moradores e trabalhadores antigos do bairro. Em seus relatos retratam com nostalgia a relação que tinham com o espaço vivido. Um espaço de maior tranquilidade e com relações de trabalho-moradia mais locais se transformou em um espaço de maior trânsito, com relações de trabalho-moradia de maior abrangência com a cidade e a região metropolitana. Esses moradores antigos relatam esse impacto na região, porém se mantiveram no bairro e desfrutaram de uma maior acessibilidade ao trabalho.

Uma das entrevistas, porém, mostra como essa relação trabalho-moradia desse bairro se expandiu para a cidade e região metropolitana. O bairro se transformou em pólo de trabalho para toda a região metropolitana de São Paulo.

4. Considerações teóricas sobre o bairro Vila Olímpia

Neste capítulo, pretende-se abordar os principais aspectos geográficos que podem ser extraídos de uma análise com apoio em teorias de geografia urbana. Dois aspectos principais serão abordados, o “não-lugar” na Vila Olímpia, a identidade nesse bairro, e o consumo do espaço.

4.1. O não-lugar na Vila Olímpia

Ao abordar a identidade urbana, busca-se discutir como o modo de pensar e sentir o espaço desperta a sensação de pertencimento. Entre estudos sobre o assunto, CARLOS (1996) constrói uma discussão crítica sobre como a cidade de São Paulo estaria caminhando para a produção do não-lugar, processo que seria gerado pela crescente financeirização do tecido urbano, tornando a cidade um grande negócio em que o capital imobiliário e financeiro juntam forças para dominar espaços avaliados como potenciais para sua contínua reprodução, sem avaliar a história do lugar e nem a vida cotidiana que ali se efetiva. Esse processo segue o caminho oposto à identidade e o sentimento de pertencimento, ocultando a significação de espaços antigos que para quem vivenciava determinado espaço.

Os não-lugares são espaços produzidos a partir do momento histórico e do espaço onde estão. Apesar de inseridos na história, são lugares que foram postos como estrutura. Pensando em exemplos críticos de não-lugares, é possível citar o caso do parque *Disneyland*, instalado na Florida, sul dos Estados Unidos, totalmente isolado na paisagem e sem a mínima contextualização histórica, ou então, numa escala maior, Brasília quando inaugurada, construída em terras áridas e descolada do contexto espacial. Desta forma, os não-lugares seguem no sentido contrário do processo de formação de identidade urbana que vem sendo discorrido. Sobre isso, CARLOS (1996: 117) afirma:

“A identidade, no plano do vivido, vincula-se ao conhecido-reconhecido. A natureza social da identidade, do sentimento de pertencer ou de formas de apropriação do espaço que ela suscita, liga-se aos lugares habitados, marcados pela presença, criados pela história fragmentária feita de resíduos e detritos, pela acumulação dos tempos. Significa para quem aí mora “olhar a paisagem e saber tudo de cor” porque diz respeito à vida e seu sentido, marcados, remarcados, nomeados, natureza transformada pela prática social, produto de uma capacidade criadora, acumulação cultural que se inscreve num espaço e tempo — essa a diferença entre lugares e não-lugares. Assim, o não-lugar não é a simples negação do lugar, mas uma outra coisa, produto de relações outras; diferencia-se do lugar pelo seu processo de constituição, é nesse caso produto da indústria turística que com sua atividade produz simulacros de lugares, através da não-identidade.”

Em “*Não-Lugares: Introdução A Uma Antropologia Da Supermodernidade*”, AUGÉ (2012) trabalha com o conceito de “não-lugar”, e também molda a designação dos espaços mais representativos da “supermodernidade” em que vivemos.

Augé (2012) afirma que o excesso de espaço remete paradoxalmente ao encolhimento do mundo e essa aparente ambiguidade altera escalas que incidem sobre concentrações urbanas, migrações populacionais e contribuem para a produção de não-lugares. Esses não-lugares se materializam nos aeroportos, nas vias expressas, nas salas de espera, nos centros comerciais,

nas estações de metrô. Ou seja, em “lugares” por onde circulam muitas pessoas e bens, cujas relações são incapazes de criarem identidade de grupo.

Na Vila Olímpia, o paradoxo de aumento de espaço passa pela crescente quantidade de salas comerciais que são construídas e subutilizadas, sendo guardadas para um futuro aproveitamento imobiliário, esperando sua valorização. No fomento capitalista, tais salas complementam a falta de identidade social, uma vez que existem e fazem parte do agregado econômico da região, porém não se relacionam com o restante da vida do bairro e, se o fazem, não é com o intuito da comunhão entre os indivíduos, mas sim como espaço para outros fins, de especulação imobiliária.

No texto, o autor elege a “supermodernidade” para discutir a ideia de comunidade como modalidade de vida mediada pelos laços de solidão, que diz respeito à superabundância espacial e à individualização das referências, que nos remetem à necessidade de compreender a transformação das categorias de tempo, de espaço e de indivíduo.

Grandes obras de caráter futurista que geram impacto na paisagem e são ausentes de significação e identidade, fazem parte do processo de apagamento de referências e afastamento do habitante com o espaço em que vive, assim como a desertificação espacial apaga qualquer vínculo com a história e com comunidades humanas.



Figura 12 – Duas oficinas mecânicas vizinhas, localizadas na rua Gomes de Carvalho, altura do número 577. Foto: Fernando Farina.

Essa desertificação abriga edifícios ultramodernos, abundantes no bairro, nulos de identidade com o processo histórico-social do espaço. O apagamento de referências para construção de novas estruturas ausentes de história resulta também na desertificação do cotidiano, da ordem próxima e do habitar, ditando o ritmo da vida metropolitana.

As oficinas mecânicas da figura 12, por exemplo, demonstram esse movimento. Enquanto que a funilaria da esquerda mantém a arquitetura regional, um galpão da década de 1950, presumidamente, a oficina de customização de carros à direita, apresenta algumas modificações. Sua tinta escura e seu letreiro em inglês são descolados do contexto do bairro e só é possível sua existência ali pois o próprio bairro mudou sua natureza de consumo. Enquanto a funilaria apresenta coesão espacial, a mecânica de customização parece descolada do meio. Não apenas na aparência, mas em serviços. Os preços de customização excedem os serviços de funilaria em preço e se tornam supérfluos de um bem de consumo automobilístico.

As construções modernas, as vias rápidas, a fibra ótica, a velocidade que circula a informação, são estruturas que fazem com que as cidades tendem a se tornar espaços cada vez mais homogêneos. O tempo quase se anula, torna-se efêmero e o espaço torna-se amnésico tendendo a se reproduzir sem referências. A condição de instantaneidade transforma o sentido dos termos levando-nos a adjetivar o tempo, de efêmero e o estado de amnésico. E a reprodução do espaço urbano paulista posta em questão não faz parte de um processo histórico, é resultado de um espaço virtual que tende à homogeneização.

“Assim, espaço e tempo, redefinidos, aparecem como condição de um processo de reprodução que tem no desenvolvimento técnico sua pedra de toque; o tempo irradiado pela técnica vira velocidade, e o espaço, distância a ser suprimida. Espaço e tempo tornados abstratos se esvaziam de sentido, contribuindo para a produção de nova identidade, a identidade abstrata, decorrência da perda dos referenciais, do empobrecimento das relações sociais, e como imposição do desenvolvimento do mundo da mercadoria, definida pelos parâmetros da reprodução capital no momento atual.” (CARLOS, 2007: 64)

O plano de lugar se encontra em risco. As relações cotidianas que criam identidade com o espaço tornam-se homogêneas, sem originalidade, sem bagagem histórica, sem valor de memória, sem vida. As riquezas das pequenas nuances do viver do urbano tendem a se tornarem experiências comuns. Sobre isso, CARLOS (2000):

“O processo de constituição da sociedade urbana produz transformações radicais nas relações espaço-tempo que se dão no plano do vivido enquanto a paisagem urbana aponta para a existência de formas sempre cambiantes. A sensação do tempo se acelera, as transformações nos referenciais urbanos, de como as pessoas se identificam com o lugar onde ora, se alteram como decorrência das mudanças nas possibilidades do uso do lugar, nos modos de vida desse lugar. (...) A constante renovação – transformação do espaço urbano através das mudanças morfológicas da metrópole produz constantes transformações nos tempos urbanos da vida, dos modos e tempos de apropriação/uso dos espaços públicos, como por exemplo, aquele da rua”. (CARLOS, 2000: 37)

A produção do espaço urbano é um processo contraditório, onde conflitos entre lugar e não-lugar, identidade e falta de identidade se encontram. Essas estruturas erguidas e que se tornam ícones são parte desse cenário e trazem referências para os habitantes, mesmo que alguns devam ser resgatados da sobra do esquecimento de novas estruturas que se erguem.

“Tal instantaneidade do tempo traz como consequência o esmaecimento da memória impressa no espaço, provado pelo desaparecimento dos referenciais da vida humana. Neste contexto, a aceleração do tempo torna as formas da cidade obsoletas sem que se quer tenham envelhecido como decorrência do fato de que a relação espaço-tempo na sociedade atual é acelerada pela técnica como condição da reprodução capitalista. Esse fato impõe a passagem da qualidade para a quantidade – o tempo da atividade produtiva revela-se abstratamente, através de sua quantificação e por sua vez exige a produção de um espaço capaz de viabilizar a circulação do produto, tornando, também o espaço, abstrato”. (CARLOS, 2007: 55)

Assim, a análise do fenômeno urbano, ao acentuar o que se passa fora do âmbito do trabalho, aponta também a esfera da vida cotidiana, de modo que a reprodução do espaço urbano articulado e determinado pelo processo de reprodução das relações sociais se apresenta de modo mais amplo do que relações de produção de mercadorias.

A vida seria definida na totalidade de seus momentos significativos, de coletivo, de ordem próxima. Para Henri Lefèbvre, é na vida cotidiana que ganha sentido, forma e se constitui o conjunto de relações que faz do humano e de cada ser humano um todo. Assim, o espaço produzido vai ganhando novos sentidos, conferidos pelos modos de apropriação do ser humano, objetivando a produção da sua vida.

“Deste modo, a apropriação revela-se como uso dos lugares em tempos definidos para cada atividade – produtiva ou não-produtiva. Assim a cidade pode ser analisada como lugar que se reproduz enquanto referência – para o sujeito - e, nesse sentido, lugar de constituição da identidade que comporá os elementos de sustentação da memória, e nesta medida, a análise da cidade revelaria a condição do homem e do espaço urbano enquanto construção e obra”. (CARLOS, 2007, p.23)

Com a apropriação do espaço, e sua construção pelo uso, o sujeito passa a moldar sua realidade de acordo com suas vontades e necessidades. Entretanto, em um lugar que passou por tantas transformações de caráter amnésico e fugaz, qual será a identificação que o indivíduo tem com o espaço?

4.2. A identidade na Vila Olímpia

Na discussão sobre identidade urbana, não se busca encontrar uma forma única de apreensão do espaço. Não é o cenário de uma cidade, mas sim a relação socioespacial criada a partir da circulação no meio urbano e nas atividades cotidianas.

Pensando assim, na geografia, a identidade urbana vem acompanhada do entendimento e a proximidade do habitante com o espaço em que se circula e com a cidade que habita, compondo a dinâmica do indivíduo com as práticas sociais cotidianas. São as relações socioespaciais, a produção do espaço e o

cotidiano que sugere essas identidades múltiplas com a cidade. Segundo CARLOS (1996):

“A produção espacial realiza-se no plano do cotidiano e aparece nas formas de apropriação, utilização e ocupação de um determinado lugar (...). Uma vez que cada sujeito se situa um espaço, o lugar permite pensar o viver, o habitar, o trabalho, o lazer enquanto situações vividas, revelando, no nível do cotidiano, os conflitos do mundo moderno. (...) o lugar é o mundo do vivido, é onde se formula os problemas da produção no sentido amplo, isto é, o modo como é produzida a existência social dos seres humanos”. (CARLOS, 1996: p.26)

Ainda se apoiando na teoria da autora, a base da reprodução da vida estaria disposta a ser analisada pela tríade cidadão-identidade-lugar. Dentro dessa tríade é possível detectar relações de proximidade com o espaço urbano, o entendimento da dinâmica da cidade e do processo de criação de identidade, conversando diretamente com o cotidiano e com a esfera próxima da vida na cidade. É essa tríade que explica o processo de identificação do espaço que se vive. Pela noção de lugar, a identidade surge a partir do cotidiano.

A identidade não surge com o lugar em si, mas com a relação que estabelece com este, na ordem do pequeno e das ideias do cotidiano: esperar um ônibus, a dinâmica do comércio local, as relações de vizinhança. Nesse sentido:

“A natureza social da identidade, do sentimento de pertencer ao lugar ou das formas de apropriação do espaço que ela suscita, liga-se aos lugares habitados, marcados pela presença, criados pela história fragmentária feitas de resíduos e detritos, pela acumulação dos tempos, marcados, remarcados, nomeados, natureza transformada pela prática social, produto de uma capacidade criadora, acumulação cultural que se inscreve num espaço e tempo”. (CARLOS, 1998: 29)

Tendo isso em vista, o erguimento de estruturas descoladas do cotidiano do lugar vai contra o processo de criação de identidade urbana na cidade. De todo modo, a cidade é um tecido de crescimento dinâmico e esta relação

estabelecida com o espaço sofre constantes alterações. Estruturas que num primeiro momento foram erguidas e vistas como descoladas da realidade do lugar podem vir a ser, num próximo momento, incorporadas ao cotidiano.

Laclau (1990) argumenta que as identidades em sociedades modernas são caracterizadas pelas divisões e antagonismos de indivíduos em um mesmo espaço, cada qual criando a sua centralidade de vivência e, portando, sua própria identidade. Cabe ao indivíduo construir sua identidade ao reunir em sua perspectiva aquele espaço que vive com seu modo de vida.

Em uma cidade como São Paulo, essa relação de identidade é constantemente alterada pela dinâmica frenética de crescimento da capital, são diversas identidades que surgem rapidamente. Com o movimento do capital financeiro mundial, acompanhando pelo mercado imobiliário e constante expansão que monta artifícios para expandir seus capitais, os bairros mudam rapidamente e, muitas vezes, os antigos habitantes não tem mais condições financeiras de sustentar suas casas ou negócios. Isso resulta numa mudança do uso do espaço, que antes era habitado por determinada classe social e agora se torna recurso financeiro para a entrada de outros capitais.

Os conflitos são inerentes à formação de identidade. A vida cotidiana é um constante processo de conflitos e contradições; é a necessidade de trabalhar para se reproduzir, são as violências do urbano, aquelas óbvias como num assalto ou as violências do processo social, como nos momentos em que a falta de moradia numa cidade cheia de espaços abandonados é perceptível.

Os conflitos são grandes e vastos, mas, muitas vezes, o rito cotidiano consome os tempos e espaços de reflexão sobre a cidade e esse processo é também violento. Paradoxalmente, é dessa mesma vida cotidiana que surgem sistemas de proximidade que resultam em manifestações culturais e movimentos sociais com a intenção de modificar o espaço no sentido de apropriar-se dele.

Sendo o cotidiano categoria fundamental para o entendimento da relação do habitante com o espaço urbano e da efetivação de suas práticas sociais, a identidade aqui posta também resultado destes conflitos assim como incita mudanças e movimentações. A entrada de novos agentes financeiros e o processo de mundialização criam espaços estéreis de significado em que são erguidas estruturas descoladas da realidade e da história do lugar.

Esses espaços e estruturas compõem um cenário mundial, em que o tempo é eliminado e as distâncias encurtadas e mais informações circulam em menos tempo. Mais rápido as informações circulam, mais tempo sobra para continuar a reprodução social frenética, daí o porquê de os prédios comerciais localizarem-se em centralidades. E o resultado é menos tempo para efetivar as miudezas do cotidiano, tendo em contrapartida menos tempo para que o ciclo do capital se refaça. Como diz CARLOS (1996):

“Por sua vez, o tempo se transforma, comprimindo-se. O tempo do percurso é outro, compactou-se de modo impressionante, mas as distâncias continuam, necessariamente, a serem percorridas — por mercadorias, fluxos de capitais, informações, etc. — não importa se em uma hora ou em frações de minutos; se nas estradas de circulação terrestres convencionais — autoestradas que cortam visivelmente o espaço marcado profundamente a paisagem —, ou se nas *superhighways*, os cabos de fibra ótica, satélites etc. O que presenciamos, hoje, é a tendência à eliminação do tempo.”. (CARLOS, 1996: 14)

Nesse mesmo processo de anulação do tempo, o espaço se anula e o lugar também. A arquitetura adota um padrão homogêneo e não-lugares ocupam espaços que antes eram orgânicos.

Em *O Direito à Cidade*, de Henri Lefebvre (1968), nos deparamos com dois conceitos que ajudam no entendimento da orientação espacial do habitante com o espaço que vive: ordem distante e ordem próxima. Para o autor, a ordem distante seria a:

“A ordem da sociedade, regida por grandes e poderosas instituições (Igreja, Estado), por um código jurídico formalizado ou não, por uma “cultura” e por condutos significantes. A ordem distante institui neste nível “superior”, isto é, neste nível dotado de poderes. Ela se impõe”. (LEFÈBVRE, 1991a: 46)

Essa imposição é hoje fortalecida pelas parcerias entre capital e interesses privados que ganham espaço nos domínios públicos e jogos políticos. O autor ainda continua: “Contendo a ordem próxima, ela mantém;

sustenta relações de produção e de propriedade; é o local de sua reprodução. (...) a ordem distante se projeta na/sobre a ordem próxima. ”

Como que incluída na ordem distante, a ordem próxima é a identificação do habitante com o espaço próximo em que vive, por exemplo, o comércio de bairro, a organização viária, as construções. É de uma proximidade subjetiva, porém não isolada das medidas tomadas pelo planejamento urbano. Já a relação Habitante-Estado torna-se mais objetiva, uma vez que há a submissão às decisões de caráter institucional. É nesse ponto que a identificação com o espaço é posta em jogo.

Citando LEFEBVRE (2001) essa relação com o espaço é formalmente definida como:

“(...) relações dos indivíduos e grupos mais ou menos amplos, mais ou menos organizados e estruturados, relações desses grupos entre eles”.
(P.31)

Trazendo para o tema em questão, essa ordem próxima seria a significação dos habitantes com o espaço e que vivem e circulam da cidade, pensando em um plano pequeno, das pequenas ações do cotidiano que enchem de significação a vida dos habitantes.

4.3. Consumo do espaço na Vila Olímpia

" A paisagem não só é produto da história como também reproduz a história, a concepção que o homem tem e teve de morar, do habitar, do trabalhar, do comer, do beber, enfim, do viver". (CARLOS, 1997: 38)

O “morar, do habitar, do trabalhar, do comer, do beber, enfim, do viver” que Carlos se refere à concepção da paisagem do homem, reflete a situação da atualidade das relações humanas, sempre mediatizadas por coisas, onde os sentimentos devem ser materializados.

As ferramentas fundamentais para que esse processo ocorra se referem ao marketing e à publicidade. O marketing é a parte do processo de produção e de troca que está preocupada com o fluxo de bens e serviços do produtor ao consumidor. Não apenas da produção e venda de mercadorias, mas na também incluindo as atividades de todos aqueles que participam do processo

de embalagem, transporte e distribuição do produto, do produtor até o consumidor.

O marketing tem sua origem para atender as necessidades de mercado, porém não está limitado aos bens de consumo, e vem sendo usado para comercializar inclusive lugares, o que caracteriza a sociedade do consumo em sua essência. As técnicas de marketing são aplicadas em todos os sistemas políticos e em muitos aspectos da vida, e conseqüentemente tem uma participação fundamental para direcionar a reestruturação do espaço. O que eleva o momento do consumo não para necessidades básicas, mas também para supérfluos.

Sabe-se que o espaço geográfico é socialmente produzido e é palco das reproduções das relações dominantes de produção, que são reproduzidas em uma espacialidade concretizada e fragmentada, homogeneizada em mercadorias distintas, ampliada para a escala global. Sobre isso, Soja (1993) diz:

“(...) são reproduzidas numa espacialidade concretizada e criada, que tem sido progressivamente ocupada por um capitalismo que avança, fragmentada em pedaços, homogeneizada em mercadorias distintas, organizadas em posições de controle e ampliada para a escala global”.
(SOJA, 1993: 115)

A cidade torna-se um lugar para que as relações de produção irradiem suas marcas no âmbito político, econômico e social, transformando essas relações em produtos, condições e meios para o advento do consumo, o que implica em uma sociedade cada vez mais acostumada a influenciar o ato de comprar, onde a cultura material e o consumo em si sejam aspectos fundamentais. A esta circunstância chamamos o agregado de indivíduos de “Sociedade do Consumo”. Os cidadãos se tornam meros consumidores do seu redor, que, de acordo com os interesses do capital em determinadas situações, pregam o imediatismo, a funcionalidade e a rapidez como forma de se alcançar a felicidade. O prazer está no ato de consumir.

O “morar, do habitar, do trabalhar, do comer, do beber, enfim, do viver” que Carlos se refere à concepção da paisagem do homem, reflete a situação da atualidade das relações humanas, sempre mediatizadas por coisas, onde os sentimentos devem ser materializados.

As ferramentas fundamentais para que esse processo ocorra se referem ao marketing e à publicidade. O marketing é a parte do processo de produção e de troca que está preocupada com o fluxo de bens e serviços do produtor ao consumidor. Não apenas da produção e venda de mercadorias, mas na também incluindo as atividades de todos aqueles que participam do processo de embalagem, transporte e distribuição do produto, do produtor até o consumidor. O marketing tem sua origem para atender as necessidades de mercado, porém não está limitado aos bens de consumo, e vem sendo usado para comercializar inclusive lugares, o que caracteriza a sociedade do consumo em sua essência. As técnicas de marketing são aplicadas em todos os sistemas políticos e em muitos aspectos da vida, e consequentemente tem uma participação fundamental para direcionar a reestruturação do espaço.

5. Conclusão

Neste trabalho, tive a oportunidade de analisar o bairro da Vila Olímpia através de sua história e da história contada por seus moradores e trabalhadores. O bairro é notadamente um exemplo de transformação engendrada pelo planejamento estatal, a partir da Operação Urbana Faria Lima, e a consequente especulação imobiliária financeira. Procuramos iluminar os resquícios e referenciais urbanos que ainda estão intrínsecos à vida e memória dos moradores e trabalhadores do bairro da Vila Olímpia, e averiguar quais foram os impactos das transformações das últimas décadas na identidade destes para com o seu bairro. A experiência das entrevistas foi essencial em prol de uma aproximação com as pessoas do bairro, e com o auxílio dela, tentar entender os processos de identificação e memória com o bairro.

Neste processo, o arrasamento da cidade e de seus referenciais históricos trazem as devidas consequências do não-lugar. Esse não-lugar surge a partir da transformação de referenciais na paisagem antes conhecida (casas, galpões, praças) em inúmeros edifícios modernos, nulos de identidade com o processo histórico-social do espaço. Esse apagamento de referenciais da paisagem resulta na desertificação do cotidiano antes presente, da ordem próxima e do habitar, substituído por um ritmo de vida metropolitano.

Os referenciais na paisagem não se apagam por completo. Há resquícios, tanto na forma dos próprios edifícios, quanto na lembrança do que eles eram. Mesmo que sejam os novos edifícios erguidos, a memória do que antes havia ali continua entre aqueles que os conheciam. A lembrança dos galpões que ali antes existiram e de todas as relações sociais que por ali se davam continua viva na memória das pessoas.

Esses referenciais e o cotidiano neles vividos são constituintes da memória e da identidade dos transeuntes de um determinado local. A transformação destes referenciais, e a construção de novos, apresenta uma sobreposição de identidades. Ou seja, no momento em que a construção do bairro aconteceu, em meio a chácaras de caráter rural, referenciais daquela época também foram apagados. As novas construções também suscitam uma estranheza e falta de identidade de pessoas antigas da região. Novas identidades com o bairro podem surgir a partir de um novo cotidiano estabelecido entre as pessoas e os referenciais na paisagem.

Porém, para isso, o cotidiano deve ser possibilitado, o que parece ser de extrema dificuldade no âmbito das relações metropolitanas. O novo espaço produzido é globalizado, engendrado por agentes financeiros hegemônicos. Essa configuração sem fundamentação com a realidade e a história do lugar criam espaços estéreis, que dificultam a identificação destes como referenciais verdadeiros da conjuntura histórica-social do bairro.

A arquitetura adotada nesses novos espaços segue um padrão homogêneo globalizado, de prédios modernos e espelhados, e não-lugares ocupam espaços que antes eram orgânicos. A ordem distante (Lefebvre, 1968), da arquitetura globalizada, se impõe à ordem próxima, o espaço da sociedade local.

Com a dificuldade de identificação com o bairro frente às novas e padronizadas arquiteturas e modos de vida, a memória dos entrevistados e de moradores e trabalhadores que pensam e sentem da mesma maneira, podem ter se tornado os únicos resquícios de uma cidade em que o cotidiano e o urbano, respaldados pela história e identificação o lugar, eram possíveis.

Como que as novas gerações irão perceber e vivenciar esses novos espaços deriva da relação delas com a cidade. Tendo em vista o modo de relação respaldado no consumo do espaço, essa relação é intermediada por

mercadorias, marketing e sentimentos materializados que também dificultam a identificação e criação de referenciais. Este por vir ainda é incerto, porém, o que resta de identidade dos espaços está na memória daqueles que a vivenciaram, resta preservar e reavivá-la nas formas possíveis de resistência à globalização homogeneizante.

6. Bibliografia

AUGÉ, Marc. Não lugares. Campinas: Papirus, 1994

CARLOS, Ana Fani Alessandri. O Espaço Urbano: Novos Escritos sobre a Cidade. São Paulo: FFLCH, 2007, 123p

_____, Ana Fani Alessandri. O lugar no/do mundo. São Paulo: FFLCH, 2007, 85p.

_____, Ana Fani A. A condição espacial. São Paulo: Contexto, 2011. 157 p

HARVEY, David. Condição pós-moderna. São Paulo: Edições Loyola, 1992. 349 p.

LACLAU, E. *New Reflections on the Revolution of our Time*. Londres: Verso, 1990.

LEFÈBVRE, Henri. Frias, Rubens Eduardo Ferreira (trad). O direito à cidade. 5. ed. São Paulo, Centauro, 2011, 2008. 144 p.

SEABRA, Odette Carvalho de Lima. Goldenstein, Léa (orient). Meandros dos rios nos meandros do poder : Tietê e Pinheiros - valorização dos rios e das várzeas na cidade de São Paulo. São Paulo, 1987

SOJA, Edward.(1993). Geografias Pós-Modernas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores. 323 p.

SOUZA, Maria Adélia Aparecida de. A identidade da metrópole: a verticalização em São Paulo. 1. ed. São Paulo: Hucitec/ EDUSP, 1994

ORTIGOZA, Silvia Aparecida Guarnieri. Paisagens do consumo: São Paulo, Lisboa, Dubai e Seul. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

7. Anexos

Transcrição das entrevistas:

Entrevistado 1 - M. é mulher, tem 37 anos e mora na rua Nova Cidade, desde que nasceu. Trabalha na área de Recursos Humanos de uma empresa da região

P - Você mora no bairro há quanto tempo?

M. - Olha, mora desde que nasci, mas eu pai tinha essa casa faz 50 anos já.

P - E como era morar aqui?

M. - Era tranquilo, só casas, tinha um córrego ali (apontando e direção à Avenida Hélio Pellegrino), a gente brincava bastante na rua, era bem sossegado. Tinha dois galpões também lá pra baixo (se referindo à baixa Vila Olímpia) e tinha trânsito lá também, mas nada comparado a isso aqui (apontando para Rua Nova Cidade em que mora que, às 19h30 quando esta entrevista estava sendo feita, estava congestionada, sendo impossível continuar a conversa sem ao menos elevar o volume da voz várias vezes, mesmo separados por uma distância menor de dois metros).

P - Você tem saudade dessa época?

M. - Ah, tenho sim, né. Quando dava a gente ficava na rua até umas onze da noite, brincando na rua, não passava ninguém e era seguro até, mesmo com a favelinha que tinha mais pra cima ali (novamente apontando para a avenida).

P - Como era o bairro? Era asfaltado, tinha alagamento?

M. - Que eu e lembre essa rua sempre foi asfaltada, mas isso era na década de 70. Terrão mesmo era lá pra trás, que alagava direto também, mas sempre foi um bairro bem residencial aqui sim. Aqui não alagava não.

P - E como você sentiu essas mudanças no bairro nos últimos anos?

M. - Aumentou muito o transito, mas pelo menos eu trabalho perto daqui né. Tá vendo essas casas da frente? Então, o bairro todo era assim (se referindo ao padrão geminado de casas do bairro), e quando abriram a avenida começou a ter prédio, mas muito mais lá em baixo onde não tinham casas nem nada. Eu tinha uma amiga que morava bem aqui em frente, mas olha só como tá a casa dela, virou um prédio.

P - E dá vontade de se mudar daqui?

M. - Dá porque não tem calma nenhuma às vezes. Mas como moro perto do trabalho eu não gasto tempo e dinheiro com locomoção.

Neste momento da entrevista seu filho de oito anos aparece, e M. começa a falar pra ele como era sua infância no bairro, brincando na rua, bem tranquilo, diferente do trânsito e do volume de automóveis que estavam passando enquanto conversávamos. Me despeço e agradeço pela conversa.

Entrevistado 2 - A. é homem, tem 55 anos e trabalha há 18 anos num posto de água natural na esquina da Rua Alvorada com a Rua Quatá.

P - Há quanto tempo você trabalha aqui?

A. - Tô aqui há 18 anos já.

P - E há quanto tempo o posto está aqui?

A. - Ele tem uns 30 anos.

P - E sempre foi esse galpão?

A. - Não verdade não, o dono conta que aqui antes eram casas que ele derrubou pra fazer isso daqui.

P - E você mora por perto?

A. - Moro sim, de pé dá 15 minutos daqui.

P - E o que você faz na empresa?

A. - Eu encho caminhão de água e preparo a logística.

P - E você gosta de trabalhar aqui?

A. - Rapaz, é bem sossegado, viu, tirando um dia ou outro... Moro perto, não preciso pegar ônibus.... Mas tem dia que é complicado, viu. Olha agora, tá parado aqui, como que vai chegar caminhão? (Referindo-se ao trânsito da Rua Alvorada)

P - E é sempre assim?

A. - Tem dia que é e dia que não é. Meio que de dia é até tranquilo, mas chega quatro horas aí já começa a complicar, e vai assim até umas nove. Depende do dia também, de segunda e terça fica morto, as quartas pra frente é complicado porque tem essas balada aí (referindo-se aos 4 clubes noturnos que dividem a região da esquina com o posto de água) e às vezes demora meia hora pro caminhão vir da (Avenida) Santo Amaro pra cá (um trajeto de aproximadamente 1 km).

P - E para onde vão os caminhões daqui?

A. - Vai encher caixa d'água, entregar em outra distribuidora, encher piscina...

P - Você disse que trabalha aqui há 18 anos. Como foi ver os prédios subindo ali? (Apontando para a massa de prédios no horizonte)

A. - Olha, foi assim... Antes tudo aqui era casa né, tudo mesmo. Onde é (Avenida) Michel Milan tinha uma favela que eles tiraram junto quando a (Avenida) Faria Lima abriu, pra ligar com a (Avenida dos) Bandeirantes. Aí ficou um terreno largado aí bastante tempo, tinha um riozinho que foi coberto também. Sabe aquela pracinha ali? (apontando para a Praça Pierre Gemayel, inaugurada em 2009, no cruzamento da Rua Quatá com a Avenida Michel Milan / Avenida Olimpíadas) Era casa também, ficou um tempão parado pra fazer uma praça. Quando tavam construindo tudo isso aí foi horrível, muito caminhão, muita sujeira, muito trânsito. Mas agora tá aí.

P - E o senhor vai pra lá às vezes levar água?

A. - Vou nada! Só vou pra lá se for pra pegar a marginal o que é raro. Olha, nem naquele shopping (Vila Olímpia) eu fui, não vou não.

Sendo que ele estava em horário de trabalho, não me demoro muito. Me despeço e agradeço pela entrevista.

Entrevistado 3 - R. é homem, tem 19 anos e trabalha como arquivista em uma empresa de advocacia da região. Ele habita São Bernardo do Campo e enfrenta 4 horas de locomoção entre seu trabalho e sua residência diariamente. A conversa se deu em um ônibus intermunicipal.

P - Quando você começou a trabalhar na Vila Olímpia?

R. - Há 4 anos, trabalho numa empresa de advocacia. Comecei como office-boy e agora sou arquivista.

P - E você gosta?

R. - Na verdade queria ser arquiteto, mas tô na área porque é o que tem. A empresa vai até pagar 50% de um curso de direito, mas curto mesmo desenhar. E tem muita pressão também, é uma agência internacional, cheio de gringo, então os caras querem tudo para ontem. E meu chefe me enche o saco o dia inteiro.

P - Onde fica sua empresa?

R. - Num prédio do lado da estação, é o... 3º maior da...do... São Paulo, ou América Latina? É um grandão, azul.

P - O E-tower?

R. - Esse mesmo.

P - E como é trabalhar lá? Sei que esse prédio é inteiro vidrado e não tem parede na janela.

R. - Era estranho no começo, mas acostuma depois. Tem umas mesas lá na janela pra não ficar tonto, olhando pra fora, então, tudo bem.

P - Como foi seu primeiro dia trabalhando no bairro?

R. - Foi estranho por que era um monte de prédio bonitão, uns carrão na rua, pessoal bem vestido. Eu achava que ali não era pra mim. Parecia um filme, sabe, mas depois fui acostumando, vendo que era todo mundo igual, que quem tinha carrão era os gerentes das empresa e que a maioria é tão ferrado quanto eu (risos).

P - Mas você ficou impressionado quando viu pela primeira vez?

R. - Fiquei, mas trabalhar aqui e em Diadema é quase a mesma coisa. A diferença é que pego 2h de trânsito e é tudo muito caro. Fui comprar uma camisa no JK outro dia pra festa da firma e até a vendedora assustou, era quinhentos conto duas camisa da *Diesel*. Mas me acostumei com aqui. Aí a pessoa vira e fala “Mas você trabalha na Vila Olímpia, hein, que chique”. Então a galera acha que trabalhar no bairro é chique, que você ganha bem, que só porque trabalha num prédio vidrado, bonito, já tá no sucesso. Mas é só o prédio que é bonito, lá dentro é igual, parecido, com o resto.

P - Você trabalharia em outro lugar?

R. - Cara, agora, não. Tá complicado achar emprego e mesmo não curtindo muito o trampo vou estudar direito e ir pra área. Os estagiários lá vem tudo de faculdade cara, tem gente que fica um mês e já vira efetivado. Eu não que nem da área sou, mal tenho o médio. Mas já fiz uns planos e vou começar inglês com a faculdade, mas tô em dúvida ainda. Sei que tenho que acompanhar pra não ficar pra trás, ainda mais nessa empresa que eles dão bastante abertura e chance pra quem quer crescer lá dentro. Mas queria um lugar mais próximo de casa, ou condição de morar na cidade mesmo, nem precisa ser tão perto daqui.

Entrevistado 4 - S. é homem, tem 66 anos, nasceu e trabalha no bairro. Agora é aposentado. Durante a entrevista, mostrou-se muito enérgico ao comentar sobre as mudanças ocorridas no bairro nos últimos anos.

P - Como foi sua infância no bairro?

S. - Ah, era bem sossegado, na verdade. Era tudo campo, tudo mato. Tinha vaca, cavalo, campo de futebol.... Tinha um riachinho, um córrego mais pra lá (apontando para a Avenida dos Bandeirantes) que a gente ia caçar sapo.

P - O bairro era bom, então?

S. - Ah, era sim. Tinha só umas três, quatro, linhas de ônibus que iam pro centro ou pra Santo Amaro. Lembro que subiam aquela rua ali, a Casa do Ator. Desde sempre o bairro foi de portugueses, esse monte de aluguel aqui (se referindo às placas de aluguel e frente a sua casa) é tudo de português. Por 40 anos eu tive um restaurante que faliu há 1 ano atrás, mais ou menos, e ficava na (rua) Nova Cidade com a (rua das) Fiandeiras.

P - E porque faliu?

S. - O lugar ia bem, o pessoal que ia comer lá era das oficinas, os mecânicos, quem morava aqui, o pessoal do bairro mesmo, do comércio. Eu que fazia comida pra esse pessoal o dia todo, do café da manhã ao jantar. Tinha café da manhã, lanche, almoço, outro lanche às três horas, às cinco e jantar no fim. Eu que fazia a tabela de horário e todo mundo vinha. Quando tinha café de tarde o pessoal vinha tomar café de tarde. Era muito bom. Era bem popular sim. Quando os engravatadinhos foram chegando no bairro, foi entrando menos gente no restaurante. Quando abriu a Hélio Pellegrino, onde tinha uma favelinha antes, um monte de casa foi destruída e as mecânicas, funilarias, os clientes antigos foram indo embora, porque os prédios foram sendo construídos e as pessoas foram se mudando. Tinha, na época, apenas dois prédios aqui, residenciais, e ficavam na Fiandeiras com a Santo Amaro. Meu negócio foi diminuindo pois as pessoas que trabalhavam no bairro foram saindo daqui, os trabalhadores mais informais, chefes de família, que vinha tomar pinga. Ah, porque faliu? Porque eu resolvi, em 2002 isso, que seria muito melhor pra mim, eu resolvi subir um pouco o nível do comércio, coloquei *chopp* no lugar da cerveja, mesa de madeira, cadeiras novas. Porque eu pensava “se minha clientela antiga já não vem mais, vou pegar essa gente nova que tá chegando aí”. Aí os que ainda estava indo lá pararam de vez, porque eu tive que mudar o cardápio, tive que investir, contrai uma puta dívida no banco. Não tava conseguindo pagar o aluguel do restaurante e nem da loja de água que eu

tinha, lá em frente do restaurante mesmo. E tudo pra português, os português que anda aqui no pedaço, vai vendo. (No lugar do restaurante há uma nova rua e parte da antiga loja de água é agora um barzinho Cult).

P - E agora, o que você faz?

S. - Vendo água (Apontando para os galões vazios que ocupava sua estreita garagem e agora sua principal fonte de renda). Mas quero sair daqui, meu filho mora na Irlanda e quero ir pra lá com ele. Assim que vender essa casa vou pra lá.

P - Sua vida mudou muito né?

S. - Ah, bastante. Já não gosto mais de morar aqui. Gostava quando dava pra pagar os três alugueis, mas agora tá tudo muito caro, o preço subiu muito na última década.

P - Muito obrigado, Seu S. pela conversa.

S. - Qualquer coisa pode aparecer aqui.